
Por uma guerrilha simbólica: do Ur-fascismo ao fascismo algorítmico¹

José Luiz Balestrini Junior²
Universidade Paulista, UNIP – São Paulo, SP

Resumo

A partir de reflexões sobre os conceitos de guerrilha semiológica e Ur-fascismo de Umberto Eco, assim como de ideias críticas de autores contemporâneos sobre a sociedade mediática, perguntamos: qual seria uma possível ação para a situação atual, na qual a comunicação de massa controlada por algoritmos mantém grande parte da população aprisionada em bolhas que impedem o desenvolvimento do pensamento simbólico? Aprofundamos a discussão definindo o que chamamos de fascismo algorítmico e propomos como ação para a construção de um futuro integrativo e ecológico o desenvolvimento daquilo que denominamos como guerrilha simbólica.

Palavras-chave: comunicação de massa; fascismo; algoritmo; símbolo; arquétipo.

Introdução

Logo no início de seu ensaio chamado “*Towards a semiological guerrilla warfare*”, título que podemos traduzir como “Rumo a uma guerra de guerrilha semiológica”, Umberto Eco afirma: “Hoje um país pertence àqueles que controlam a comunicação”³ (Eco, 1986, p. 135. Tradução Nossa). O próprio autor também dizia que não estava contando nenhuma novidade com a frase, mas também alertava para o fato de que não eram mais apenas os estudantes de comunicação que pensavam ou deveriam pensar nesse assunto, a população em geral começava a perceber que estávamos entrando na era da comunicação de massa. Esse era um fato importante porque, na opinião de Umberto Eco, esse movimento deveria ser acompanhado de reflexões sobre como a potencialidade para a alienação das massas também se alterava junto com as mudanças dos fenômenos comunicacionais. Ainda é preciso mencionar o quanto o desenvolvimento tecnológico que acompanha a comunicação de massa, assim como a modernização da mesma, sempre influenciou a situação social, política, econômica e cultural das nações.

¹ Trabalho apresentado no GP24 Políticas e Estratégias de Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPG de Comunicação da UNIP, email: balestrini@lungfu.com.br. Bolsa CAPES / PROSUP.

³ No original: “*Today a country belongs to the person who controls communications*”.

Alcançando a atualidade, podemos dizer que nos encontramos numa situação hipercomplexa onde o que impera é a informação divulgada diariamente através das mídias de massa, fenômeno que Byung Chul-Han denominou como a vivência de um regime infocrático (2022). Isso se manifesta numa verdadeira guerra comercial onde os usuários ficam perdidos no meio de um bombardeio de conteúdos, que normalmente são divulgados em formas de imagens visuais (Baitello Jr, 2019). Essa é a maneira preferida para a disseminação massiva de informação pela alta velocidade de espalhamento que as imagens visuais proporcionam (Han, 2022). Ampliando o que disse Eco, não se trata mais do controle de um país apenas em termos políticos, na era da sociedade mediática o comportamento individual tornou-se a moeda do capitalismo algorítmico (Montaño, 2022), situação em que o indivíduo entrega seu tempo de vida em troca de reconhecimento, validação e simulação de uma existência singular, mas que, através de uma análise mais profunda, é revelada como massificada (Han, 2021).

Uma das estratégias empregadas para a manutenção desse mecanismo é o rebaixamento cognitivo causado pelo funcionamento circular e vicioso das redes sociais e da cultura de massas (Adorno, 2021; Contrera, 2021). Esse movimento acompanha uma diminuição da capacidade imaginativa, fundamental para os processos de resiliência (Cyrulnik, 2001) e de mimese (Wulf; Gebauer, 2004). A imaginação e a criação de narrativas que levem à identificação dos indivíduos com comunidades, assim como o reconhecimento da importância da responsabilidade política e social de cada pessoa, é fundamental para o desenvolvimento de seres humanos que nutram o pensamento integrativo ecológico indispensável para a criação de um futuro sustentável (Balestrini Jr, 2023; Hillman, 1993). Aqui encontramos o problema central que direciona a reflexão proposta nesse artigo: como podemos encontrar alguma ação possível que promova possibilidade de saída para a situação atual, na qual a comunicação de massa controlada pelo funcionamento de algoritmos mantém uma parcela muito grande da população aprisionada em bolhas que impedem o desenvolvimento do pensamento simbólico?

A hipótese principal defendida nesse artigo é a de que, sem ignorar a potencialidade de utilização da própria mídia de massa como ferramenta para lutarmos contra o pensamento hegemônico e a estereotipização cultural que acaba sendo inevitável (Paolucci; Martinelli; Bacaro, 2023), uma ação possível é o resgate do conceito de guerrilha semiótica proposto por Umberto Eco (1986), mas contando com

uma ampliação que nos leve também a um maior desenvolvimento do pensamento simbólico e imaginal através do que denominamos guerrilha simbólica. Em resumo, essa ideia não descarta a importância da divulgação, através dos canais mediáticos, de informações coerentes e que refutem, por exemplo, a desinformação, mas leva em consideração também a necessidade de ações educativas que se deem no contato direto e presencial entre os usuários.

O fascismo eterno e a crise do pensamento simbólico

É novamente nos textos de Umberto Eco (2018) que encontraremos a definição do que ele chama de Ur-fascismo, ou o fascismo eterno, um dos conceitos centrais para a nossa pesquisa, de maneira geral. De acordo com a nossa visão teórica dos estudos do imaginário, preferimos ampliar essa noção e chamar o fenômeno de fascismo arquetípico (Balestrini Jr; Contrera, 2021), dado que o próprio Eco enumera quatorze características que ele considera arquetípicas para definir o Ur-fascismo. Para o autor, basta que apenas uma dessas características comportamentais surja para que uma aura fascista comece a constelar e funcionar como uma força atratora para que logo as outras também surjam e gravitem em torno do núcleo fascista. Esse fenômeno oferece o risco de ultrapassar manifestações individuais e de pequenos grupos, crescendo, transformando-se, aglutinando cada vez mais pessoas até que seja possível que o movimento da massa permita o estabelecimento de regimes políticos verdadeiramente fascistas.

Reconhecemos a importância de estudos e pesquisas sobre o funcionamento do fascismo como sistema político, social e cultural, porém, nossa pesquisa está voltada para aquilo que subjaz tudo isso, por isso, focamos nossa atenção para as características arquetípicas dessas manifestações. Como afirmou Wilhelm Reich (1988), enquanto não voltarmos nossa atenção para os elementos psicológicos atuantes do fenômeno, ele tenderá a se repetir, mesmo que sempre apareça disfarçado de novas formas, como aponta também Umberto Eco (2018) quando o autor fala da necessidade de estarmos alertas para o ressurgimento desses comportamentos sob novas vestes em qualquer novo momento da história. Pier Paolo Pasolini (2018), observando a manutenção e o desenvolvimento de um fascismo velado, apontou que na década de 1960 já não era possível identificar um fascista facilmente, pois estes não usavam mais uniformes, não se distinguindo assim de qualquer outro membro da população. A democracia, em certa

media, não acabou com o fascismo, mas permitiu que ele subsistisse até que fosse possível seu ressurgimento de maneira declarada, como podemos observar na contemporaneidade em vários países europeus (Kølvraa; Forchtner, 2019). Por isso reafirmamos que nossa abordagem trata do fenômeno em sua dimensão psico-comunicacional e apontamos a importância que essa interdisciplinaridade tem para que seja possível compreender esse mecanismo com mais profundidade em sua múltipla complexidade.

Listamos em seguida as quatorze características definidas por Eco (2018) como fundamentais para o surgimento do Ur-fascismo. Em nossa descrição, tomamos a liberdade de adicionar alguns dados e reflexões que nos ajudem a posicionar essas ideias na contemporaneidade.

1 – “Culto à tradição”; isso é caracterizado pelo sincretismo cultural, mesmo correndo o risco de contradição interna (que, em si, também é uma característica nuclear do fascismo). É declarado pela liderança que toda a verdade já foi revelada pela tradição, dessa forma, nenhum novo aprendizado pode ocorrer. Se algum fenômeno precisa de compreensão, somente uma interpretação e refinamento posteriores baseados em ideias e ideais tradicionais previamente estabelecidas podem ocorrer.

2 – “Rejeição do modernismo”; qualquer tipo de desenvolvimento e esclarecimento são vistos como um caminho para a depravação. Porém, isso não pode ser considerado o mesmo que crescimento do poder industrial, pois os fascistas insistem que isso é algo importante para o regime. Novamente, vemos claramente a contradição das ideias. Eles se autodenominam modernistas, mas apenas no sentido de crescimento industrial, qualquer coisa fora dessa área é condenada pela liderança. Algo novo só será aceito se servir aos ideais tradicionalistas do regime.

3 – “Culto da ação pela ação”; esse princípio dita que a ação tem valor em si mesma e deve ser tomada sem nenhuma reflexão intelectual. As pessoas devem seguir apenas o que é determinado pela liderança sem nenhum tipo de questionamento. Podemos observar aqui o anti-intelectualismo e irracionalismo do sistema de pensamento fascista, que são manifestados em ataques à cultura e à ciência modernas. Se algo é aceito pelo regime, então deve ser aceito pelo povo. Se não, todos são

responsáveis por atacar e denunciar o que é considerado irregular dentro do pensamento fascista em defesa dos valores tradicionais ditados pela liderança.

4 – “Discordância é traição”; o discurso intelectual e o raciocínio crítico são considerados barreiras à ação. Qualquer um que questione ou desafie o pensamento estabelecido é considerado traidor e deve ser doutrinado ou punido (na maioria das vezes, ambos).

5 – “Medo da diferença”; a principal maneira de estabelecer isso é por meio da propaganda e, no caso do fascismo, o objetivo é criar e reforçar o medo por meio de discursos racistas, muitas vezes visando imigrantes, estrangeiros, religiões e minorias. Qualquer coisa que possa ser apontada como diferente é usada como objeto de depósito do medo, da culpa e do mal, exatamente como acontece com o mecanismo do bode expiatório (Girard, 2020). É possível fazer isso através da propaganda pois as pessoas, em geral, não têm informações suficientes sobre os fatos, tendem assim a acreditar no que é divulgado pela liderança que controla os meios de comunicação.

6 – “Apelo a uma classe média frustrada”: Como a classe média geralmente é a maior parte da população, é importante para a liderança fascista ganhar seu apoio. A melhor maneira de fazer isso parece ser por meio de suas frustrações econômicas e medo do crescimento das classes mais baixas, que são consideradas como ameaça. Enquanto isso, em sua contradição, o regime promete proteger aqueles que já têm poder econômico e ajudar o crescimento daqueles que se encontram abaixo em termos de posicionamento econômico e social.

7 – “Obsessão por teorias da conspiração”: Outra maneira de manter as mentes dos indivíduos ocupadas é por meio da disseminação massiva de teorias da conspiração insolúveis. Isso garante uma circularidade de pensamento que não leva a nenhum tipo de pensamento criativo. Essa é uma parte essencial da estratégia para manter o controle das massas e geralmente é alcançada atacando minorias.

8 – “Os inimigos são ao mesmo tempo muito fortes e muito fracos”: mais uma contradição que ajuda a criar confusão e reforça o impedimento ao exercício do

pensamento crítico, com o objetivo claro de manipulações das emoções da massa. Faz parte desse item, o medo exagerado e a coragem destemida que leva à ação impensada. A liderança quer fazer as pessoas acreditarem que os inimigos são mais fortes porque têm mais acesso a alimentos e estão em melhor situação econômica, mas, ao mesmo tempo, são considerados fracos o suficiente para serem derrotados, por isso aqueles que se encontram dentro do regime fascista podem ir à luta com a certeza da vitória, sempre iminente. Essa noção está diretamente conectada com o próximo item da lista.

9 – “A vida é guerra permanente”: É preciso manter uma situação de tensão e alerta constantes. Todos precisam estar sempre preparados para a ação e qualquer tipo de pacifismo é considerado um conluio com o inimigo. Mas, novamente contraditoriamente, é preciso acreditar na ideia de que após uma grande batalha final, a paz será alcançada. Porém, essa batalha nunca chega.

10 – “Desprezo pelos fracos”, aqueles que pertencem ao grupo são considerados superiores a qualquer estranho. E dentro do grupo também há uma hierarquia muito bem estabelecida, na qual cada pessoa precisa olhar para seu subordinado como se fosse inferior e mais fraco. Essa cadeia de comando reforça o elitismo da massa, com todos usando seus pequenos poderes para manter a grande liderança governando com poder absoluto.

11 – “Todos são educados para se tornarem heróis”: essa educação também leva ao culto da morte heroica em favor da massa e do regime. Todos devem se identificar com o herói mítico; essa é a norma do regime fascista. Também poderíamos chamar esse princípio de culto à morte, porque se ela vier de ações que defendam o regime, será considerado heroico.

12 - “Machismo”: os homens (na liderança) determinam papéis de acordo com o gênero, então as mulheres têm funções específicas que se encontram sempre sob o controle patriarcal. O homossexualismo ou qualquer outro tipo de identificação de gênero que não seja a heteronormatividade não são tolerados. Dentro de uma visão psicanalítica, a libido sexual é transferida para a guerra e as armas, como objetos fálicos, tornam-se substitutos do pênis (Reich, 1988).

13 – “Populismo qualitativo”: o líder se apresenta como o intérprete da vontade popular (embora ele sozinho a dite). Devido ao poder investido pelas massas no líder, quaisquer decisões que ele tome são consideradas soberanas, mesmo que sejam contraditórias. As pessoas são transformadas em *pars pro toto*, servindo apenas para cumprir seus papéis definidos pela liderança. Aqui também encontramos a reação emocional explorada pelo populismo da mídia de massa. O efeito de massa só pode ser alcançado por meio de diferentes formas de disseminação de propaganda pela mídia, isso é verdade para qualquer estratégia de manipulação de massa. Conectando esse princípio diretamente com o que vivemos na contemporaneidade, observamos que hoje em dia, há cada vez menos necessidade de as pessoas se reunirem fisicamente em lugares específicos, o efeito massificante pode ser alcançado por meio da mídia digital.

14 – “*Novilingua*”: o fascismo emprega e promove um vocabulário empobrecido para limitar o raciocínio crítico. Para descrever isso, Umberto Eco usa a expressão criada por George Orwell em seu livro 1984. Ainda que, na realidade concreta, não seja uma linguagem nova, o uso de expressões vulgares e reducionismos em discursos políticos servem ao mesmo propósito mencionado no item anterior: excitar reações emocionais e irrefletidas. Quanto menos a população puder aprofundar o pensamento crítico, melhor para a liderança permanecer no poder, portanto, é importante para o fascismo que o povo não saiba se comunicar profundamente; a comunicação fica, portanto, prejudicada.

Para o presente artigo, o mais importante é considerar como todas essas características têm pelo menos um aspecto em comum: produzir rebaixamento de consciência na população em geral. Essa, em nossa visão, é uma das principais chaves para a compreensão do fenômeno da massificação que vivemos na atualidade e é nela que focamos em nossa presente reflexão. É exatamente o rebaixamento de consciência que está na raiz da crise do pensamento simbólico que leva à população a uma situação de paranoia individual (Hillman, 2016) e, conseqüentemente, também coletiva. Como resultado, temos também uma crise de empatia (Contrera, 2021), na qual os indivíduos, preocupados apenas com a sua individualidade de forma narcisista (Balestrini Jr; Heller, 2023) acabam por se afastarem de suas responsabilidades sociais e comunitárias, ficando cada vez mais aprisionadas em bolhas de pensamento determinadas pela ação

dos algorítmicos (Han, 2017; 2021). Os impactos confirmados sobre o desenvolvimento cognitivo, social e cultural que surge a partir do uso exagerado das telas pela sociedade mediática apoiam nossa reflexão (Desmurget, 2021).

Fascismo algorítmico

A partir dessas reflexões, desenvolvemos o conceito de fascismo algorítmico que, de maneira resumida, podemos definir como sendo a manipulação e direcionamento do comportamento do indivíduo que é transformado em massa através do funcionamento e controle algorítmico da mídia eletrônica. Escolhemos utilizar a expressão fascismo porque acreditamos que ela define claramente aquilo que é contrário ao movimento de criação de consciência, ou seja, o rebaixamento cognitivo que tem como fundamento ideológico valores conectados com as políticas da extrema direita neoliberal.

Retornando ao que afirmava Pier Paolo Pasolini, o autor mostrou como o fascismo se disfarçava do que ele chamou de homogeneização da cultura (Pasolini, 2018). Como dissemos antes, embora esse movimento de massificação tenha ganhado outros nomes com o passar do tempo, ele continuou evoluindo, passando pela espetacularização de tudo, inclusive da própria vida, situação em que o mais importante é o efeito que a mensagem causa (Debord, 2005) e não a qualidade ou veracidade do conteúdo que ela carrega (Pennycook; Rand, 2021). Se, como afirmava MacLuhan (1974), a mensagem é o meio, os meios hoje parecem não passar de tecnologia algorítmica. Por isso atualmente imperam as imagens visuais, pois são elas fugazes, velozes e extremamente efetivas para o rebaixamento cognitivo através dos afetos e emoções que eliciam (Baitello Jr, 2014; Han, 2022); na interação super veloz entre usuário e imagens nas redes sociais, não há tempo suficiente para qualquer exercício reflexivo.

Deixamos claro, portanto, que o conceito de fascismo algorítmico se encontra conectado diretamente com o pensamento político da extrema direita – paralelos podem ser traçados a qualquer momento. Porém, nossa preocupação principal aqui é apontar para a manipulação e aprisionamento dos indivíduos em bolhas de pensamento que negam a capacidade de exercício da reflexão crítica e o desenvolvimento cognitivo e educacional das pessoas. Esse mecanismo pode ser utilizado para fins políticos, sociais e econômicos exatamente através da massificação que causa, porém, se atentarmos

apenas para esses aspectos, focaremos mais naquilo que resulta da manipulação atingida através dos canais de comunicação, mas que, em nossa visão, é mais profunda do ponto de vista psicológico, atingindo o imaginário e ultrapassando aquilo que podemos enxergar na realidade. Quando nos atemos somente aos aspectos do real, perdemos aspectos que foram apontados como fundamentais por Wilhelm Reich (1988) para compreendermos a psicologia de massas do fascismo: o misticismo e a idealização de salvação mágica que se encontram enraizados no fenômeno.

Guerrilha simbólica

Retomando o pensamento de Eco (1986), o pensador deixa claro que para ele a mera utilização dos meios de comunicação como ferramenta de resistência contra o pensamento hegemônico pode ter grandes impactos políticos e econômicos, mas não ajuda muito o indivíduo no aprendizado de como lidar com o bombardeamento constante de informação. Sua visão concorda com aquela de Byung-Chul Han (2022), quando este aponta que na sociedade atual o que impera é o regime de informação. Eco afirma: “A batalha pela sobrevivência do homem como ser responsável na Era da Comunicação não será vencida onde a comunicação se origina, mas onde ela chega” (Eco, 1986, p. 142. Tradução Nossa)⁴. Sua fala revela a necessidade do retorno ao corpo como fundamental no processo comunicativo, como apontou Harry Pross (1972). Porém, para além disso, também a necessidade de comunidade e relação empática se apresenta como fundamental aqui (Contrera, 2021; De Waal, 2021), pois somente através da relação humana direta é possível atuar mudanças significativas no processo de desenvolvimento social e cultural através da criação de consciência política individual e coletiva.

É nesse sentido que ampliamos a guerrilha proposta por Eco: além de semiológica, ela precisa também ser simbólica. A primeira característica pode ser compreendida como direcionada para a batalha que diz respeito à capacidade interpretativa mais direta das mensagens. Mas quando falamos de simbolismo, nos referimos à capacidade humana de pensar metaforicamente, compreendendo que as imagens e mensagens são sempre muito mais do que aparentam. Elas carregam aspectos e conteúdos inconscientes que só podem ser integrados na consciência quando nos propomos ao exercício do pensamento simbólico (Hillman, 2016; Jung, 2013).

⁴ No original: “*The battle for the survival of man as a responsible being in the Communication Era is not to be won where the communication originates, but where it arrives*”.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Paz e Terra São Paulo, 2021.
- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, 2014.
- BAITELLO JR, Norval. **Existências Penduradas - Selfies, Retratos e Outros Penduricalhos**. São Paulo: Unisinos, 2019.
- BALESTRINI JR, José Luiz. **Sonho, Imagem, Imaginação e o Coração Onírico**. São Paulo: Eleva Cultural, 2023.
- BALESTRINI JR, José Luiz; CONTRERA, Malena Segura. A destruição do espírito crítico: uma expressão do ur-fascismo na atualidade. **Revista Mediação**, 2021.
- BALESTRINI JR, José Luiz; HELLER, Barbara. Narrativas mitológicas como documentos de memória: sociedade narcisista. **Anais do 46º Intercom**. Belo Horizonte, MG. 2023.
- CONTRERA, Malena Segura. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 44, p. 35-49, 2021.
- CYRULNIK, Boris. **Resiliência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- DE WAAL, Frans. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil**. Companhia das Letras, 2021.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. : Edições Antipáticas 2005.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: Por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais**. Vestígio Editora, 2021.
- ECO, Umberto. **Travels in hyper reality: Essays**. Houghton Mifflin Harcourt, 1986.
- ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2018.
- GIRARD, René. **O bode expiatório**. Leya, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: Neoliberalism and new technologies of power**. Verso Books, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. Infocracia. **La digitalización y la crisis de la democracia**. 1ª ed. en castellano. Editorial: Taurus, 2022.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. Studio Nobel, 1993.

HILLMAN, James. **Paranoia**. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. Tipos psicológicos. **Tipos psicológicos**, p. 1-633, 2013.

KØLVRAA, Christoffer; FORCHTNER, Bernhard. **Cultural imaginaries of the extreme right: An introduction**. : Taylor & Francis. 53: 227-235 p. 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. Editora Cultrix, 1974.

MONTAÑO, Abraham González. La rebelión de las máquinas en la trama del capitalismo algorítmico: la democracia acechada. **LOGOS Revista de Filosofía**, 139, n. 139, p. 139-154, 2022.

PAOLUCCI, Claudio; MARTINELLI, Paolo; BACARO, Martina. Can we really free ourselves from stereotypes? A semiotic point of view on clichés and disability studies. **Semiotica**, 2023, n. 253, p. 193-226, 2023.

PASOLINI, Pier Paolo. **Il fascismo degli antifascisti**. Garzanti, 2018.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. The psychology of fake news. **Trends in cognitive sciences**, 25, n. 5, p. 388-402, 2021.

PROSS, Harry. **Medienforschung: Film, Funk, Presse, Fernsehen**, 1972.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 2ª Edição. : São Paulo: Editora Martins Fontes 1988.

WULF, Christoph; GEBAUER, Günter. Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas. **São Paulo: Editora Annablume, 2004.**